



www.joaouxiii.com.br

FALA, JOANA

Jornal do Colégio João XXIII

Distribuição Gratuita

EDIÇÃO ESPECIAL
MÊS DAS
mulheres

Ô abram alas

As gurias roubaram a cena em março, mês da reflexão e da luta pelos direitos femininos. E, como nesse período também aconteceu o Carnaval, Chiquinha Gonzaga – primeira maestrina e compositora reconhecida – foi lembrada durante

o show de Elinka Matsiak, ocorrido na Escola, em 8 de março, Dia Internacional da Mulher. Não por acaso, Chiquinha é autora da marchinha: “Ó abre alas que eu quero passar”. Não por acaso, ainda, esta edição especial do Fala João virou “Fala Joana”.



Dois Dias da Mulher

O Colégio João XXIII não se contentou com um único Dia Internacional da Mulher e programou dois dias para lembrar, refletir, debater e comemorar a luta feminina. A programação mesclou rodas de conversa, sarau, poesia, show musical e exposições. Entre a denúncia e a alegria, as gurias do João – assim como suas convidadas – deram seu recado.

Nesta edição especial do jornal, a palavra falada, cantada, declamada e escrita é das mulheres e só delas. Poemas autorais ou selecionados pelas participantes – afinal, em 15 de março também se comemorou o Dia da Poesia – serão distribuídas ao longo

da edição, assim como letras de músicas cantadas, textos e dados divulgados durante os eventos.

A ideia de fazer um “Fala Joana” ganhou vida com o objetivo de compartilhar com toda a comunidade escolar o conteúdo das atividades desenvolvidas em diferentes horários e, por isso, apreciadas por parte dos estudantes, professores, familiares e funcionários do Colégio. Essa homenagem é apenas uma maneira de dizer que, no João XXIII, todos os dias são da mulher, assim como do homem e das demais orientações de cada um, pois, neste Colégio, o direito de ser feliz é e sempre será respeitado.



FALA, JOÃO - Jornal do Colégio João XXIII
Edição Março, Abril de 2019

FUNDAÇÃO EDUCACIONAL JOÃO XXIII

Presidente: Laura Maria da C. Eifler Silva
Diretor Financeiro: Denilson Gonçalves de Oliveira
Dir. de Obras e Patrimônio: Ricardo de Almeida Collar
Diretora Jurídica: Aline Carraro Portanova
Diretora de Comunicação: Cristina Pozzobon

EQUIPE TÉCNICA DO JORNAL

Reportagens e Redação: Rosina Duarte
Assessoria de Imprensa: Luana D. de Castro Alves
Diagramação e Editoração: D. Medeiros
Colaboração: Eliane Santa Brigida e Priscila Gonçalves
Fotos: Audiovisual João XXIII
Revisão: Profª. Carmen Lucia Pacheco de Araújo

Desigualdade ilegal

Os números sobre a desigualdade entre brasileiras e brasileiros são incontáveis. Eles denunciam uma cultura machista naturalizada dentro das famílias e ensinada desde a infância. Também evidenciam brutal violência contra mulheres e disparidades no mercado de trabalho.

Mais do que injustiça, esta situação configura um descumprimento flagrante da Constituição de 1988, que estipula a igualdade de todos os cidadãos e todas as cidadãs perante a lei. Se isso fosse cumprido, teríamos uma verdadeira transformação no País.



Fotos: cartacapital.com.br;
Nair Benedicto; Tyne & Wear
Archives & Museums

Trabalho

- Em 2016, 21,5% das mulheres, de 25 a 44 anos de idade, concluíram o ensino superior, contra 15,6% dos homens na mesma faixa etária, mas o salário pago a elas equivalia a cerca de $\frac{3}{4}$ do salário masculino.
- Mulheres estudam, traba-



lham e passam 73% de tempo a mais do que os homens cuidando dos filhos.

- Quanto maior a escolaridade, maior a desigualdade. O diferencial de rendimentos é maior na categoria de ensino superior completo, situação em que o rendi-



Foto: theodysseyonline.com

Movimento de mulheres sufragistas pelo direito ao voto feminino.

Antes do fogo

- O primeiro Dia Nacional da Mulher aconteceu em 28 de fevereiro de 1909, nos Estados Unidos, com uma declaração do Partido Socialista da América. Um ano depois, ocorreu a primeira conferência internacional sobre a mulher, em Copenhague (Dinamarca), dirigida pela Internacional Socialista.
- O dia 8 de março passou a ser o Dia Internacional dos Direitos da Mulher e pela Paz em 1977, por decisão da Assembleia Geral das Nações Unidas. A data foi uma referência a uma tragédia ocorrida em 1857, quando 129 operárias de uma fábrica têxtil de Nova York entraram em greve, reivindicando salário igual ao dos homens e redução da jornada de trabalho. Os patrões trancaram as operárias e incendiaram a fábrica.
- E 1975, as Nações Unidas sancionaram oficialmente o Dia Internacional da Mulher.
- Declarado pelo presidente Barack Obama em 2011, os Estados Unidos designaram todo o mês de março como o "Mês da História da Mulher".
- O Dia Internacional da Mulher é uma data reconhecida em mais de 25 países. Incluindo países como China, Vietnã, Uganda, Afeganistão, Cuba e Rússia.



mento das mulheres equivale a 63,4% do recebido pelos homens.

- As mulheres também levam a pior quando se compara o percentual de ocupação em cargos.
- Elas ocupam apenas 37,8% das gerências, tanto no

poder público quanto na iniciativa privada, enquanto os homens ocupam 62,2%.

- No ranking da subrepresentatividade feminina, o Brasil está na 154ª posição, perdendo, inclusive, para a Arábia Saudita e o Afeganistão.



Elas por elas

A expressão “elas por elas” costuma ser usada para dizer que tudo permaneceu da mesma forma, sem mudanças. No Colégio João XXIII, não é bem assim. Elas – as estudantes do Ensino Médio – organizaram uma roda de conversa para falar sobre elas – as mulheres. Mas o objetivo era contrário ao da expressão, ou seja, mudar a situação feminina a partir da reflexão, do debate, da denúncia, da conscientização e da organização.

O ponto de partida foi a célebre frase de Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. “Mas o que nos torna mulher?” Provocou Maria Clara dos

Santos Lisboa (2A) – uma das idealizadoras do evento, junto com Júlia Morais Weber (3C), Eduarda Campos Verardi (3C) e Giulia Koller Borsatto (1A) – no início da conversa, realizada em 7 de março, sob o Gazebo do pátio. O silêncio inicial das meninas e meninos presentes foi logo rompido, resultando em uma série de depoimentos, desabafos, confissões, perguntas e manifestações capazes de expressar os mais diversos sentimentos. A roda “O que nos torna mulher?” teve reprise fora dos muros da Escola, no Clube de Cultura, em 16 de março, por iniciativa das próprias organizadoras.



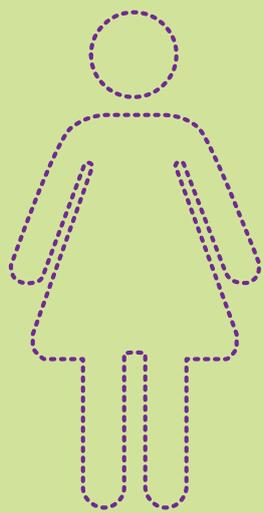
Violência

- Apenas nos primeiros três meses de 2019, 126 mulheres foram mortas em razão de seu gênero no País, além do registro de 67 tentativas de homicídio.
- 21 casos de feminicídios ocorreram na pri-

meira semana de 2019.

- O Brasil registrou um estupro a cada 11 minutos em 2015. Como as notificações são falhas, estima-se que o Brasil pode ter a medieval taxa de meio milhão de estupro ao ano.

- Cerca de 70% das vítimas são crianças e adolescentes.
- Apenas 15% dos acusados foram presos.
- A cada 7.2 segundos, uma mulher é vítima de violência física.



Mulheres invisíveis

Poucas são as mulheres que ganharam fama ou foram reconhecidas historicamente. Embora autoras de grandes feitos em diversas áreas do conhecimento humano, elas permanecem invisíveis para as futuras gerações. Em homenagem a elas, um grupo de estudantes do Ensino Médio montou uma linha do tempo em frente ao Grêmio Estudantil do Colégio João XXIII (GEJ). A exceção ficou por conta da rainha egípcia Cleópatra que, apesar de famosa, sempre foi retratada como vilã. O trabalho não reuniu apenas o universo feminino, porém. No dia 7 de março, Maria Clara Lisboa (2C), Júlia Moraes Webber, Eduarda Verardi e Marceli Fernanda – todas da 3C – contaram com o apoio do colega de turma João Abarno.



Ficam os sapatos para não esquecer delas

Salto alto ou rasteiro, bico fino, redondo ou quadrado, coturno ou sapatilha, tênis ou scarpin, colorido ou preto. Sapatos sem os pés de suas donas para calçá-los. A exposição “Ficam os sapatos para não esquecer delas” representou um tributo às mulheres assassinadas em

feminicídios. O trabalho produzido pelos estudantes do 8º ano, durante as práticas pedagógicas Atitudes e Experiências Solidárias e Linguagens e Práticas Sociais, em 2018, foi, inicialmente, apresentado na Mostra Cultural e reprisado no Dia Internacional da Mulher.

Infância

- 81,4% das meninas arrumam a própria cama, mas apenas 11,6% dos seus irmãos meninos fazem o mesmo.
- 76,8% das meninas lavam a louça e 65,6% limpam a casa, enquanto apenas 12,5% dos irmãos lavam a

louça e 11,4% limpam a casa.

- Cabe às meninas a tarefa de cuidar dos irmãos menores quando os pais trabalham.
- Nas famílias pobres, muitas chegam a abandonar a escola para assumir essa tarefa.

Fontes: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, Ipea, Instituto Maria da Penha, Mapa da Violência 2015, Brasil de Fato, IBGE, Organização Plan, Comissão Interamericana de Direitos Humanos, Blasfêmeas (No youtube: “10 Curiosidades Que Você Precisa Saber Sobre Machismo”).





O que nos torna mulher?

Mais do que opinar durante a roda de conversa "O que nos torna mulher?", estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio abriram as portas dos sentimentos durante a roda de conversa "O que

nos torna mulher?" As intervenções desvelaram aspectos camuflados do "machismo nosso de cada dia", ressaltando desde atitudes triviais até dramas pessoais. Algumas falas foram tocantes. Confira algumas delas:



"Não dá para dizer o que é ser mulher. A gente simplesmente é. Só é. Pode ter nascido ou se tornado, isso não importa."

"A profe pediu que a gente citasse nomes de mulheres cientistas e só me veio a Mary Cury. E não é que elas não existem. Nós não conhecemos as cientistas porque as mulheres ficam sempre atrás dos homens. O que a Simone (de Beauvoir) quis dizer é que, se a gente não se posicionar, vira capacho."

"Todo mundo diz que a mulher amadurece mais rápido do que o homem. É verdade. Mas, por quê? Porque a gente precisa. Tem que saber cuidar do corpo, tem que saber se esconder. Se não fizer isso, pode acabar virando vítima, e ainda leva a culpa por ser vítima."

"Gênero é construção social. Isso de homem se veste assim, mulher se veste assado, é uma imposição. A gente deveria ser o quer e se vestir como quer."

"A mulher é considerada p...se faz o mesmo que um homem descolado. Mulher assediada ou estuprada 'estava pedindo'. Então como explicam que alguém em coma seja estuprada?"

"Nos ensinam desde pequena que ser mulher é cuidar da casa, cozinhar, ter filhos. Mesmo para nós, mesmo para as meninas de agora. Podem não nos dizer isso, mas nossos brinquedos são bonecas, panelas e até vassoura. E ainda falam: 'Já sabe cozinhar, pode casar'. É bizarro!"

"Tem uma coisa muito triste que é o machismo das mulheres. Às vezes nos dizem: 'Tu és uma menina e estás agindo como moleque'. Por quê? Só porque eu gosto de subir em árvore?"

Existe muita hipocrisia em algumas feministas. Fazem discurso, mas, se não gostam de alguém, chamam de p... e fazem comentário machista na rodinha. A gente precisa se unir."

"Feminismo vai muito além da igualdade. É empatia, união entre as mulheres."

"Feminismo não é só a união das mulheres, é também união com toda a sociedade."

"Se a gente pensar bem, vai ver que, muitas vezes, precisamos da aprovação de um homem para nos sentir bonita. O jeito de vestir, por exemplo, deveria ser para ter conforto. Não é libertador."

"Quando uma guria não está com a axila depilada, dizem 'que nojo'. Mas por que ninguém acha nojento nos gurus? Eles não têm vergonha e nem escutam isso quando saem fedendo da Educação Física. Mais forte do que a higiene, é o padrão. Mulher precisa estar sempre arrumada, cheirosa, unhas feitas, maquiagem... É muita coisa."

"Um dia me disseram que eu não ia ficar mais com ninguém se não me depilasse. Aí eu pensei: 'Por que vou querer ficar com um cara que se importa com meu sovaco cabeludo?"

"Precisamos nos perguntar todo o dia: A gente faz isso porque gosta ou para agradar os outros?"

"Tem muito machismo escondido na sociedade. Nas brincadeiras, nos comentários do dia a dia. No futebol, por exemplo, quando um cara chuta torto 'Está jogando como menininha'. A gente nem repara porque é moldado (a) mesmo tendo opinião formada."

"O machismo também afeta os homens. Se faz alguma coisa que lembre mulher, também sofrem. E, se afeta todo o mundo, por que o machismo existe?"



“Quantas vezes os guris ouvem que homem não pode chorar, pintar as unhas, usar roupa colada? Os homens se privam de muita coisa por causa do machismo, mas na maioria das vezes, nem percebem, reproduzem. Pensem e percebam. Isso não é saudável. É tóxico.”

“Joana d’Arc ficou famosa porque se vestiu de homem. Só assim pode lutar.”

“Tenho um amigo muito feminino. Ele se descobriu bissexual, mas não quis assumir para não reforçar o estereótipo.”

“Minha mãe é feminista e me sinto com muita sorte por causa disso. Mesmo assim, sinto que minha masculinidade é frágil. Sou muito inseguro com isso, só que homem não pode demonstrar fraqueza. Já me privei de muita coisa que eu quis. Fico pensando: apesar de mais mulheres serem diagnosticada com depressão, os homens se suicidam mais. Talvez seja porque não podem demonstrar sentimentos. Estou tentando melhorar.”

Um convite à reflexão sobre o SER MULHER!

Ainda que os dias todos estejam abastecidos e pulsantes de nosso feminino, hoje é um marco simbólico de tantas lutas...hoje uma parada para confraternizar com nosso jeito feminino de ser e estar no mundo.

Nós que escolhemos habitar uma morada de educação e construção de saberes; um lugar onde se aposta na capacidade das mulheres de todas as idades assumirem diferentes autorias, estamos a pensar e dizer desses tantos significados...

Após deixarmos nossa primeira morada, o corpo de uma mulher, antes de qualquer escolha consciente, muitas narrativas nos designaram de mulher!

Nós que, rompemos com a invisibilidade desejando superar o silêncio da subjetividade, quando o que valia era sempre o “discurso do outro” e das falsas delicadezas, buscamos nos afirmar e participar das “grandes tarefas da cultura” como partícipes reais de nosso tempo;

Somos o “Anjo do lar” transmutadas em guerreiras do cotidiano num mundo complexo onde a sensibilidade do inédito emerge em múltiplas funções, nos reinventamos a partir da experiência de cada uma, nos fazemos protagonistas na produção de saberes, de cultura e de afetos, coconstrutoras de tempos e lugares onde o feminino floresce e se define, regido pelo desejo de autonomia e liberdade.

Nós que, não por acaso, nos agrupamos, trazemos essa habilidade singular de olhar o mundo com olhar feminino, “trazemos no corpo essa marca, essa estranha mania de ter fé na vida!”

Sejamos livres de estereótipos que escravizam e padrões interesseiros que marcam nossos corpos, mas estejamos conectadas pelo mesmo fio que percorre a trama de narrativas, gestos e representações que nos são próprias, porque temos “alma com asinha”.

Estejamos atentas a sabia habitante de algum recanto em nós... a intuição que, numa corrente milenar, nos liga às sabedorias ancestrais. Ela é quem se enfurece diante da injustiça, mas é também a geradora de acordos e conciliações. É a força da vida, ideias, sentimentos, impulsos, escuta e olhar profundo, sedução, recordações e amanhecer e é, também, a dança integradora do corpo e da alma porque é paixão, poesia e sonho...

“O arquétipo da mulher sábia pertence a mulheres de todas as idades e se manifesta sob forma e aspectos singulares na vida de cada mulher.”

Clarissa Estés

Deixemos emergir a mulher sábia que nos habita!! Estejamos irmanadas numa corrente solidária de proteção aos nossos corpos, às nossas vidas!!

Com abraço solidário e terno, porque aproximadas pela empatia, nós as abraçamos



Palavra de mulher

Embora a palavra “menestrel” seja exclusivamente masculina – porque apenas aos homens era dado o direito de cantar ou recitar as histórias do seu povo na Idade Média- Isabela Becker (8C) exerce

uma função similar no Colégio João XXIII, assim como várias outras colegas que vêm utilizando a linguagem poética para expressar seus sentimentos e opiniões em relação à condição da mulher (veja

nesta mesma edição). Ela costuma declamar suas poesias durante os eventos da Escola. Confira três poemas assinados e declamados por Isabela durante as comemorações do Dia Internacional da Mulher.

Hoje acordei mulher

Hoje eu acordei mulher
Acordei como uma guria qualquer
E logo fui obrigada
A colocar um laço e uma saia rodada

Me diziam para lavar suas louças
Me pediam para passar as suas roupas
Fui virada de ponta cabeça
Até me tornar a garota perfeita

Esses panos em torno dos seios estão me sufocando
E esses padrões estão me matando
Por acaso uma mulher eu vou deixar de ser
Se a esses padrões eu não corresponder?

Pois hoje eu acordei mulher
Mais mulher que outro dia qualquer
E logo ergui o meu olhar
E comecei a revolucionar

As garotas do século vinte um

Garotas diferentes, garotas modernas
Decididas e encantadoras são elas
Essas mulheres tão esbeltas
Cada uma de seu jeito, mas todas belas

Elas decidem suas atitudes
Não tem medo nem das maiores altitudes
Não precisa de ninguém pra dizer suas virtudes
Podem ser dóceis ou podem ser rudes

Elas não são nem um pouco iguais
Isso que as torna tão sensacionais
Personalidades tão originais
Emoções sem serem superficiais

Elas tem um ponto em comum
Não dão satisfação a homem nenhum
Seria tão bom se cada um
Fosse que nem essas garotas do século vinte e um

Bonecas defeituosas não saem da fábrica

Nas prateleiras das lojas
As bonecas perfeitas são expostas
Admiradas e desejadas
Por todos que passam por lá

Uma delas eu gostaria de ser
Assim, todos iam me querer
Alta, magra, branca, todos iam me ver
Iria ser aceita

Mas nós, bonecas defeituosas, não saímos da fábrica
Somos reprimidas e subjugadas
E, muitas vezes, remontadas
Para nos deixarem no padrão

Apenas nos restou nos unirmos
E não cedermos a esse padrão rígido
Somos belas de nossa própria maneira,
não somos lixo
Como vocês tendem a nos tratar

Então lutaremos
Vamos invadir as lojas de brinquedos
Nossos direitos conquistaremos
Pois nossos defeitos são nossas maiores qualidades



Mulheres em música, prosa e verso

A poesia despertou a comunidade escolar no Dia Internacional da Mulher, 8 de março, no Colégio João XXIII. Depois do Sarau das Mulheres – realizado às 7h40min – seguiu-se a apresentação musical de um grupo feminino liderado pela cantora Elinka Matusiak e a roda de conversa com a educadora Isabel Cristina Dalenogare e a Promotora Legal Popular Maria Guaneci de Ávila, próximo ao meio-dia. Assim, com música, prosa e verso, a data ficou marcada na Escola.

“O Sarau Mulheres foi organizado com as estudantes da 1ª série do Ensino Médio, nos componentes curriculares

de História, Redação e Língua Espanhola, com o objetivo de desconstruir o machismo dentro da Literatura, bem como legitimar a escrita de mulheres, uma vez que, principalmente o cânone literário, consagra, prioritariamente, escritores homens”, explicou a professora de Redação e de Língua Portuguesa Aline Braga de Lima, uma das mentoras do evento. Reunidas no pátio central, as jovens leram trechos de livros escritos por escritoras como também de autoria própria. O evento foi encerrado com um debate sobre o tema.

Mais tarde, 12h, a cantora Elinka

Matusiak subiu ao palco com repertório exclusivamente feminino, incluindo obras de Chiquinha Gonzaga, Dona Ivone Lara, Badi Assad, Rita Lee e Joyce Moreno, entre outras compositoras. Cássia Eller foi igualmente lembrada alguns dias depois – durante o piquenique da comunidade escolar ocorrido em 16 de março – pela banda dos professores da Escola Toque Musical, que também prestou homenagem às mulheres. Ao som da música “Malandragem”, a pequena Isabella Bernardi – de apenas dois anos e recém matriculada no João – dançava deliciada, de olhos ▶

- ▶ fechados, como se nada nem ninguém existisse no mundo. A trilha sonora não poderia ser mais perfeita: “Quem sabe ainda sou uma garotinha...”

Vozes femininas

Intérprete, cantora, educadora musical e regente de coral, Elinka reuniu um time de peso para acompanhá-la: Thais Nascimento (violão), Gabi Vilanova (viola), e as percussionistas Lu Mello e Alexandra Amaral (primeira chefe de bateria do Brasil). O quinteto levantou a plateia, que executou um coro coletivo regido pela maestrina.

Intercalado ao show, aconteceu a roda de conversa. Maria Guaneci contou sobre o trabalho da Ong Themis – que defende os direitos da mulher há 26 anos – em especial o trabalho das Promotoras Legais Populares como ela, capacitadas para atuarem junto as suas comunidades de origem. Já, Isabel trouxe um tema muito oportuno para esses tempos de ideias polarizadas e crescente agressividade: “Comunicação não Violenta - Mulher e violência no cotidiano e ferramentas na construção da paz”.

Em meio a tantas vozes femininas, a vereadora carioca Marielle Franco, assassinada há um ano, esteve presente por meio de uma poesia escrita e declamada por Fabiana Souza, contadora de histórias de Biblioteca. Ela também trouxe as palavras da poeta, *slammer*, escritora e produtora cultural, Mel Duarte: “(...) Você sabia que existe uma força dentro de todas nós? Uma herança que nos acompanha desde as nossas ancestrais. Só é preciso estar atenta aos sinais! (...)”

O pátio se transformou em palco e a comunidade escolar foi a plateia que apreciou e fortaleceu a palavra feminina





Maria Guaneci de Ávila:

“É muito importante falar dessa temática tão sofrida que ninguém quer falar porque dói.”

“Atualmente existem 1800 Promotoras Legais Populares no Rio Grande do Sul – 600 delas atuando em Porto Alegre – formadas pela Ong Themis, trabalhando junto às comunidades pela busca dos direitos femininos e pelo acesso das mulheres à justiça.”

“A Lei Maria da Penha é considerada a terceira melhor lei do mundo. Mas, então como acontecem tantos feminicídios? Será que as mulheres não procuram os seus direitos? Muitas procuram, muitas procuraram. Tiveram a coragem de chegar em uma delegacia e até conseguiram uma medida protetiva para impedir que seus agressores se aproximassem delas. Mas não há políticas públicas nem estrutura para o acompanhamento. A família é a primeira a discriminar, achando que é preciso perdoar o marido, por exemplo. A Brigada Militar não tem contingente para atender esse tipo de caso. Por isso, mesmo que a lei seja boa, o principal é a reeducação nas relações pessoais e familiares.”

“Às vezes a gente vê uma foto linda nas redes sociais, com todo mundo sorrindo. Se formos pesquisar, quem sabe quantas vezes aconteceu violência naquela família? Quantos boletins de ocorrência já foram feitos? Mas prevalece o velho ditado Em briga de marido e mulher, não se mete a colher. Mete sim, tem que meter!”

“A situação ainda é mais difícil para mulheres negras, pobres e lésbicas. Mas a a gente nunca pode pensar que não vai acontecer conosco, pois a violência está presente em todas as classes sociais.”

“Quando falo na violência contra a mulher, não penso só nos homens. Tem muita mulher machista e isso é o que mais dói.”

“Eu moro e trabalho na Restinga, atendo e oriento as mulheres sobre seus direitos sexuais e reprodutivos – entre

Luta sim, violência não!

Luta e não violência! Esses dois conceitos não são antagônicos, como foi possível perceber na fala de duas convidadas do Dia Internacional da Mulher no João XXIII. Vale lembrar que toda a trajetória feminista, iniciada em 1909, foi feita sem disparar uma bala, permanecendo imune a guerras ou revoluções armadas. Acompanhe algumas das ideias e informações transmitidas pela educadora, Isabel Cristina Dalenogare e pela promotora Legal Popular, Maria Guaneci de Ávila.



outros – e sobre o acesso à justiça. Mas tenho consciência de que sou um grão de areia. Precisamos de vocês para multiplicar essas informações. Então, vamos falar, vamos fazer rodas de conversa como essa, vamos nos unir e compartilhar. Não vamos nos calar.”

“Não precisamos ser cuidadas. Precisamos ser respeitadas.”



Isabel Dalenogare:

“A Comunicação não-violenta é inspirada em Mahatma Ghandi, que libertou a Índia da Inglaterra sem pegar em armas”

“A gente reproduz a cultura do julgamento o tempo inteiro, classificando as pessoas e nem percebe nisso uma forma de violência”.

“O autor do livro ‘Comunicação não-violenta’, Marshall B. Rosenberg, considera a violência como uma expressão trágica de desejos não atendidos. Por isso, essa forma de se comunicar, pressupõe quatro componentes: 1) Observar(ouvir) o outro sem avaliar; 2) Identificar meus sentimentos ; 3) Identificar as minhas necessidades?; 4)Fazer um pedido claro (assumindo as minhas responsabilidades, mas entendendo que não sou responsável pela escolha do outro). Em outras palavras, isso significa colocar consciência nas nossas escolhas, parar de reproduzir escolhas sem saber por que, deixar de tomar atitudes por culpa ou vergonha.”

“A solução de um conflito precisa partir de quem o gerou, mas todos devem compor a solução, e o primeiro passo é ouvir com atenção as necessidades do outro. Nem sempre é fácil. Eu dizia para mim: ‘fica quieta, escuta, escuta’.”

“A Comunicação não-violenta transforma a vida e pode ser muito importante neste momento polêmico do País.”





Bicho de luta

Mulher,
Lhe perguntaram:
Por que há de ser tão Mulher?
Na rua lhe abordam
"Ah, essa mulher"
Usam-nos, nossa força e nossa voz

A mulher hoje,
Quem é ela?
De onde tira a sua força?
A mulher hoje que luta, que sua
Que aguenta cada comentário tido como
normal
Sem poder levantar a voz
Porque ai de a mulher não aceitar "elogio"

Ah não, é só TPM
Então tudo bem
Desculpa
A mulher está
Constantemente
Na TPM
Se esse for o caso

Abuso, acuso
Medo!
Mas a culpa é sua!
Quem mandou usar essas roupas?
Esse batom?
Esse corte de cabelo?
Quem mandou existir?

Mulher é bicho de luta
Fêmea carrega nas costas
Esse peso por viver
Viver não
Sobreviver

A mulher cresce
Ouvindo cada tipo de horror
Que é tido como normal
Envelhece
Se acostumando com a ideia de que assim
sempre será

A luta é presente
A esperança até ausente

Ensinam às meninas calar e consentir
Nos forçam a submissão
Goela abaixo
Nos fazem brigar entre nós
"Dividir e conquistar"

Ao longo da evolução
Lutamos
Caímos
Levantamos
Ao longo da história
Mostramos nossas garras
Quando nos mandaram cortar a cutícula

Humilhada, traída, espancada, objetificada
Ser mulher é carregar o fardo de existir
Ser mulher é ter de resistir!

Luiza Richter
1A



Foto: pexels.com

Pátio das Poesias

Mulheres em cartaz

Estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio criaram cartazes reflexivos e de protestos alusivos ao Dia Internacional da Mulher. As produções foram feitas para as aulas de Língua Inglesa, das professoras Ana Amada, Helena César e Janaína Silveira e fazem parte de um projeto planejado para

as primeiras aulas do ano. "A ideia era que eles trouxessem pôsteres, em língua inglesa, sobre assuntos que estão sendo discutidos na contemporaneidade e ao redor do planeta. Assim, eles notam de cara o que vai fazer parte da aula de inglês ao longo do ano. São temas que aparecem nos livros didáticos e em exames como

Enem e vestibulares", explica Helena.

A poesia foi o foco dos cartazes da 3ª série. O incentivo para a criação veio, especialmente, do poema "Timeless", da poetisa Rupi Kaur. As outras turmas criaram textos motivacionais e de protestos a partir de exemplos como "keep calm and carry on" e "you can do it".

Intuição

Salve força dos ventos, eparrei oyá
 Eu peço licença pra entrar
 Salve mãe rainha Odoyá
 Eu peço licença pra entrar
 Força das águas de oxum pra purificar
 Eu peço licença pra entrar
 Salve salve guerreiras amazonas
 Eu peço licença pra entrar
 Força indígena milenar
 Eu peço licença pra entrar
 Quem veio antes de mim e quem ainda virá
 Eu peço licença pra entrar
 Quem veio antes de mim e quem ainda virá
 Eu peço licença pra entrar
 Oi?! Moça, a gente pode conversar?
 Eu não quero tomar muito do seu tempo...
 eu só queria falar algumas coisinhas...eu
 preciso pedir uma pausa no meio da sua
 rotina.
 Eu sei da sua correria. É a vida, família, casa,
 cria, comida e ainda nem deu meio dia.
 Você sabia que daqui eu escuto seus
 pensamentos em guerra? É... eu também
 batalho comigo mesma todos os dias e até
 hoje eu não sei muito bem como fica esse
 placar...
 Eu quero te fazer uma pergunta. Quantas
 vezes você realmente se escuta? E quantas
 dessas obedece ao seu pensar?
 Quando a noite cai e a mente trabalha em
 silêncio. Meu corpo por vezes me diz vai...
 mas reflito sobre tudo que penso. Nem
 sempre o impulso é seguro. Nem sempre
 traz acalento. E por vezes peço: "pai livrai-
 me do que eu não sustento!"
 Eu já pensei e dispensei sem me escutar. Eu já
 pensei e repensei após refletir. Eu já ignorei
 sinais que vieram pra me livrar. Eu demorei
 pra aprender a me ouvir.
 Você sabia que existe uma força dentro de
 todas nós?

Uma herança que nos acompanha desde as
 nossas ancestrais. Só é preciso estar atenta aos
 sinais!

Eu sei que existe um abismo entre a sua razão
 e emoção. E não nos ensinaram muito bem
 como trabalhar isso. Afinal há milênios querem
 domesticar nossos instintos e é por isso que eu
 insisto em te perguntar:

Quantas vezes você realmente se escuta? E
 quantas dessas obedece o seu pensar? As
 responsabilidades de uma mulher moderna
 impedem que ela tenha tempo de se questionar.
 E enquanto cuidamos de tudo ao nosso redor
 esquecemos simplesmente de nos cuidar.

Quando compreendi o que dentro de mim pulsava,
 entendi que sou a guia da minha própria
 jornada e aí fui perceber o quanto me flagelava
 buscando minha autodestruição pelo simples
 fato de não seguir minha intuição!

Intuição. Substantivo feminino. Ato de perceber,
 discernir ou até mesmo pressentir coisas
 independentemente de raciocínio. É resgatar
 sensações que foram extintas. Entender que
 tudo é uma questão de sintonia.

Ser sensível em meio ao caos é andar na
 contramão. E não se culpe por nem sempre
 conseguir, tudo bem! Ninguém disse que seria
 fácil existir. Apenas não crie barreiras em torno
 de si mesma. Busque sua força interna para
 reagir. Eu escrevo para expurgar os medos.
 Para afastar a solidão em meio a tantos
 enredos. Despertar o que me habita,
 desvendar meus próprios segredos. Eu
 pedia desculpa toda vez depois de
 falar, como se fosse um erro, um
 defeito de nascença querer me
 colocar! Ambientes tão hostis nos
 tornam prisioneiras de nossas
 próprias ideias.

Mas revoluções sempre foram
 feitas a partir de distintos ideais.

Seja seu próprio néctar. Explore esse
 multiverso mulher. Rejeite o que te afeta.
 Respeite o seu tempo. Perceba esse
 florescer. E não se preocupe quando
 precisar desaguar. É normal transbordar...
 Entenda, nós mulheres temos pacto com
 o mar...E as lágrimas? As lágrimas são a
 hemodiálise da alma!

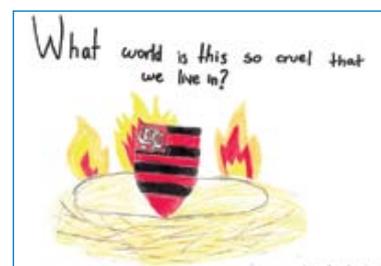
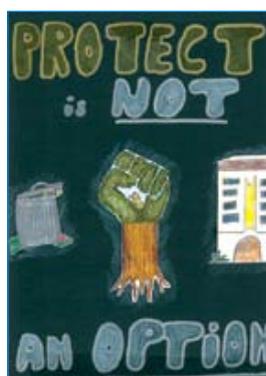
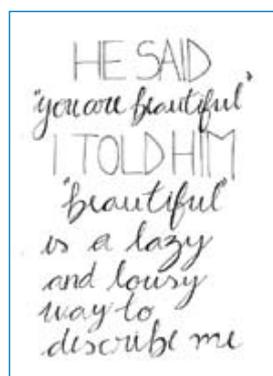
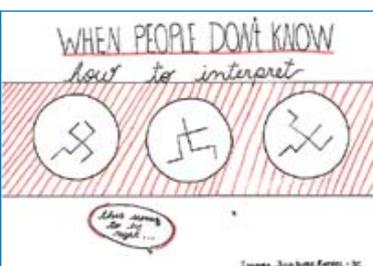
Escute essa voz interna que tenta se
 comunicar! Não negue suas intuições.
 Confie nelas. De bruxas e sábias todas
 temos um pouco. O quanto disso você
 consegue resgatar?

A minha intenção aqui hoje é fazer você
 refletir, olhar pra dentro de si, pra seu
 momento presente, pra o que seu corpo
 sente e como ele tenta se comunicar.
 Pra que a partir de agora, desse momento,
 você realmente se escute e obedeça seu
 pensar!

Mel Duarte



Foto: pexels.com





Nosso corpo

Nosso corpo é nosso templo
 Sobre ele não nos falta conhecimento
 O que não nos deram foi reconhecimento
 Daquilo que conquistamos
 Com suor, dor, compaixão, amor
 Não podemos deixar que nos violem
 Não merecemos esse medo
 Sofremos todas em segredo
 Mas
 Se soubéssemos da força que no peito temos
 Que nele ecoa o grito de mudança
 "Em teu seio, ó liberdade"
 Mas não posso amamentar em público
 Constrange a sociedade
 É só com um decote que nos querem de verdade
 Nós não seremos caladas
 Esperem mais algumas luas
 E vejam
 Nossa revolução trancar as ruas.

Emily Conte

1C



Foto: pixabay.com

Feminina

- Ô mãe, me explica, me ensina, me diz o que é feminina?
- Não é no cabelo, no dengo ou no olhar, é ser menina por todo lugar.
- Então me ilumina, me diz como é que termina?
- Termina na hora de recomeçar, dobra uma esquina no mesmo lugar.

Costura o fio da vida só pra poder cortar
 Depois se larga no mundo pra nunca mais voltar

- Ô mãe, me explica, me ensina, me diz o que é feminina?
- Não é no cabelo, no dengo ou no olhar, é ser menina por todo lugar.
- Então me ilumina, me diz como é que termina?
- Termina na hora de recomeçar, dobra uma esquina no mesmo lugar.

Prepara e bota na mesa com todo o paladar
 Depois, acende outro fogo, deixa tudo queimar

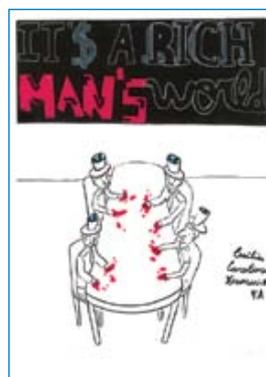
- Ô mãe, me explica, me ensina, me diz o que é feminina?
- Não é no cabelo, no dengo ou no olhar, é ser menina por todo lugar.
- Então me ilumina, me diz como é que termina?
- Termina na hora de recomeçar, dobra uma esquina no mesmo lugar.

E esse mistério estará sempre lá
 Feminina menina no mesmo lugar

Joyce Moreno



Foto: pexels.com



Malandragem

Quem sabe eu ainda sou uma garotinha
Esperando o ônibus da escola, sozinha
Cansada com minhas meias três quartos
Rezando baixo pelos cantos
Por ser uma menina má

Quem sabe o príncipe virou um chato
Que vive dando no meu saco
Quem sabe a vida é não sonhar

Eu só peço a Deus
Um pouco de malandragem
Pois sou criança
E não conheço a verdade
Eu sou poeta e não aprendi a amar
Eu sou poeta e não aprendi a amar

Bobeira é não viver a realidade
E eu ainda tenho uma tarde inteira
Eu ando nas ruas
Eu troco um cheque
Mudo uma planta de lugar
Dirijo meu carro
Tomo o meu pileque
E ainda tenho tempo pra cantar

Eu só peço a Deus
Um pouco de malandragem
Pois sou criança
E não conheço a verdade
Eu sou poeta e não aprendi a amar
Eu sou poeta e não aprendi a amar

Eu ando nas ruas
Eu troco um cheque
Mudo uma planta de lugar
Dirijo meu carro
Tomo o meu pileque
E ainda tenho tempo pra cantar

Eu só peço a Deus
Um pouco de malandragem
Pois sou criança
E não conheço a verdade
Eu sou poeta e não aprendi a amar
Eu sou poeta e não aprendi a amar

Quem sabe eu ainda sou uma garotinha!

Cássia Eller

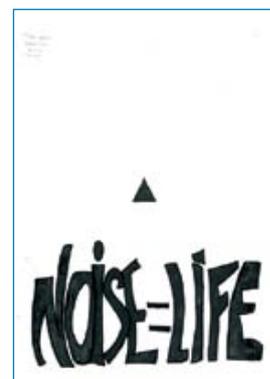
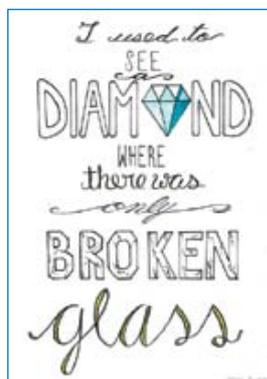
Para Marielle

Marielle para de defender preto!
Marielle para de defender favelado!
Marielle para de defender essa gente!
Marielle para!
Marielle para!
Marielle pá pá pá pá
Quatro tiros mataram e silenciaram Marielle.
Marielle deu voz a muita gente.
Essa gente "de cor" que sustenta o país.
Somos muitos.
Somos muitas.
Não vai ter bala pra todo mundo.
NÃO VÃO NOS CALAR!

Fabiana Souza



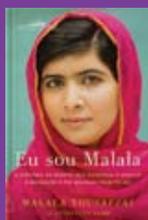
Foto: Marcia Foletto





Estante roxa

Um trecho do livro "O conto da Aia" da escritora canadense Margaret Atwood – que inspirou a popular série televisiva – ganhou destaque no jornal mural Comelê, instalado na cantina da Escola. Outras escritoras femininas também receberam homenagens tanto no mural, quanto na Biblioteca Zilah Tota, onde foi montado um estante especial para elas, batizada Estante Roxa. Entre os livros expostos, destacam-se:



Eu sou Malala

A história da garota que defendeu o direito à educação e foi baleada pelo Talibã

Autoras: Malala Yousafzai | Christina Lamb

A obra conta a história de uma família exilada pelo terrorismo global, da luta pelo direito à educação feminina e dos obstáculos à valorização da mulher em uma sociedade que privilegia filhos homens.



Calibã e a bruxa

Mulheres, corpo e acumulação primitiva
Autora: Silvia Federici

O livro discute sobre a violência brutal empreendida contra as mulheres durante a transição do feudalismo para o capitalismo na Europa, e sustenta que a "caça às bruxas" relacionou-se diretamente com criação de um novo sistema econômico, forjado na escravidão, na colonização e na exploração e dominação do corpo e dos saberes femininos que seriam usados como força de trabalho do sistema nascente.



Para educar crianças feministas

Um manifesto
Autora: Chimamanda Ngozi Adichie

Chimamanda Ngozi Adichie retoma o tema da igualdade de gêneros neste manifesto com

quinze sugestões de como criar filhos dentro de uma perspectiva feminista.

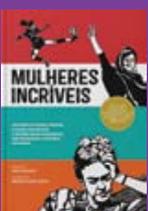


O Segundo Sexo

Autora: Simone de Beauvoir

O segundo sexo foi publicado originalmente em 1949 e

consagrou Simone de Beauvoir na filosofia mundial. A obra, no entanto, não ficou datada e tornou-se atemporal e definitiva.



Mulheres Incríveis

Artistas e atletas, piratas e punks, militantes e outras revolucionárias que moldaram a história do mundo

Autoras: Kate Schatz | Jules de Faria

Feche seus olhos e pense numa pirata. Agora imagine uma espia. Ou uma presidenta. Pense numa guerreira em ação. Uma grande pintora ou na maior jogadora de futebol de sua época. Estas são apenas algumas das mulheres incríveis que você encontrará neste livro. São 44 perfis de mulheres extraordinárias, numa coleção de histórias que começa em 430 antes de Cristo e alcança os dias de hoje.

Saiba mais sobre literatura feminina e os novos títulos recém adquiridos pelo [site da biblioteca](#), pelo blog "[Conta Zilah](#)" ([contazilah.com](#)), e pelo Instagram [Mostrazilah](#).

Por dentro e por fora

As mulheres do João ficaram bonitas e saudáveis por dentro e por fora. Na programação do Dia Internacional, elas contaram com a Feira Orgânica que abriu espaço para projetos de empreendedoras gaúchas: "400g" e "Colorê". O "400g" é um clube de assinaturas de frutas, legumes e temperos fora do padrão, que trabalha com a proposta de minimizar o desperdício. Para isso, leva semanalmente até os clientes, produtos naturais, frescos e diferentes. A "Colorê" oferece peças criativas de vestuário feitas com diversas cores, tecidos e estampas – algumas delas confeccionadas a partir de sobras, retalhos e resíduos têxteis – com um toque artesanal.



Confira as edições anteriores do **Fala, João** em:

fala.joaoxxiii.com.br

